



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO  
ÁREA: LINGUAGEM E CÓDIGOS  
POLO: GURUPÁ/PA

MARCIO SABOIA PENA

MINHA FORMAÇÃO COMO LEITOR: PERCURSO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

GURUPÁ-PARÁ  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA

MARCIO SABOIA PENA

MINHA FORMAÇÃO COMO LEITOR: PERCURSO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará/Campos de Altamira, requisito de obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo Linguagem e Código, sob orientação da Profa. Elanir França Carvalho.

GURUPÁ-PARÁ  
2021

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>O que dizem os autores .....</b>	<b>4</b>
<b>Regina Zilberman .....</b>	<b>5</b>
<b>Tzvetan Todorov .....</b>	<b>7</b>
<b>O que dizem os documentos oficiais.....</b>	<b>7</b>
<b>PCNs .....</b>	<b>7</b>
<b>LDB .....</b>	<b>8</b>
<b>BNCC .....</b>	<b>9</b>
<b>Problemática .....</b>	<b>13</b>
<b>Ensino fundamental .....</b>	<b>16</b>
<b>Ensino médio .....</b>	<b>18</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>20</b>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

---

P397m Pena, Márcio Saboia.  
Minha Formação como Leitor: Percorso escolar e Universitário /  
Márcio Saboia Pena. — 2021.  
19 f.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elanir França Carvalho  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de  
Etnodiversidade, Altamira, 2021.

1. Leitura Literária. 2. Educação do Campo. 3. Memória.  
I. Título.

CDD 418.02

---

## **Introdução**

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gomes Netto, localizada no Rio Moju, município de Gurupá, Estado do Pará, em uma área rural de várzea no assentamento PAE da ilha grande de Gurupá, com distância de 2 horas e 30 minutos de tempo da sede do município por via fluvial. O qual seria abordado o tema falando sobre a contato do aluno com os livros e a leitura na comunidade onde está inserida esta escola, e como a participação dos pais interferem no interesse do aluno na leitura, e como o trabalho na zona rural interfere no estudo dos alunos já que a maior parte da renda das famílias é proveniente do extrativismo (colheita de frutos, coleta de sementes, pesca e extração de palmito e madeira). Por suas características, a maioria destas famílias envolve, desde cedo, os filhos em práticas produtivas. Nesse sentido, podemos perceber que estamos lidando com um público diferente, que nutre expectativas diferentes a respeito do papel da escola.

O motivo de desenvolver o projeto na escola e a aprendizagem referente a obras literárias, e saber o interesse dos alunos pelos livros e se gostam como são trabalhados. Porém, com a avanço da pandemia no cenário global não foi possível a realização das entrevistas e coletas de dados. Com tudo isso, a orientadora do TCC sugeriu a reorientação da temática inicial do trabalho, para uma autobiografia contando sobre como foi o meu contato com a leitura e os livros, fazendo relatos e citando alguns autores e como são amparados nosso direito pela leitura segundo os documentos oficiais (LDB, BNCC, PCNs).

### **O que dizem os teóricos e pesquisadores do assunto?**

A análise que se faz do país referente à leitura e às obras literárias no Brasil é algo que vem sendo trabalhado de muitos anos atrás Regina Zilberman, em seu livro *A leitura e o ensino da literatura* (2012), mostra que a formação do leitor começou a ser discutida em base científica a partir de 1970, no Brasil, com isso o tema vem sendo cada vez mais frequentes nos debates científicos. A fim de tentar minimizar esse quadro degradante que assombrava não somente os jovens, mas como consequência os adultos. No início da década de 70, os alunos brasileiros tiveram um contato maior com a literatura, isso se deu com a avanço da industrialização e com a aumento da faixa etária de escolaridade de cinco para oito anos; e, posteriormente, nove.

Zilberman (2012) fala que, ao mesmo tempo, a aprendizagem da escrita e da leitura a leva a internalizar novas regras, desconhecidas e diferentes das experiências até então acumulada com a linguagem oral. Os erros que inevitavelmente o aluno comete reproduzem seus conflitos com a norma dos adultos, mas, ao buscar o caminho certo, ele descobre, por extensão, que, para agir de modo apropriado e ser aprovados pelos outros, cumpre submeter-se a padrões anteriores e, aparentemente imutáveis.

O tema envolve, inicialmente, uma tomada de posição acerca do significado do ato de ler, já que se associa a ele um elenco de contradições, originário, de um lado, da organização específica da sociedade brasileira, de outro, do conjunto da sociedade burguesa e capitalista.

Zilberman (2012) relata que a leitura é uma habilidade unicamente humana, de existência histórica e se associa à adoção do alfabeto como forma de comunicação e à aceitação da escola como instituição responsável pela aprendizagem. Ela cita diversos autores que dizem que para uma boa leitura se deve ler em tom mais elevado e que se rejeitar a literatura, o leitor passaria a rejeitar a própria escola tendo em vista que os diversos textos que são trabalhados por toda vida escolar são textos literários.

Quando o indivíduo passa a se tornar de fato um leitor, ele consegue ter uma visão mais apurada sobre diversas situações da vida, por exemplo, em âmbito como o da esfera política, pois é através da leitura que passamos a ter uma maior compreensão de mundo. Como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo a leitura tem um papel fundamental na sociedade. Quando a palavra escrita pode ser decifrada por ele, os diferentes materiais introduzidos pela imprensa, como o livro, o jornal ou a revista, passam a estar ao seu alcance, servindo de suporte aos gêneros artísticos (ou não) correspondente: a literatura, a história em quadrinhos etc.

A teoria da literatura procura chegar a algum resultado positivo analisando um patrimônio já existente constituído por obras que utilizam a escrita e circulam na sociedade. Porém, talvez por razões de economia, a teoria da literatura não examina a totalidade do acervo que existe à sua disposição, ela lida com um conjunto previamente selecionado de textos, ignorando os que não foram admitidos à consideração.

Zilberman (2012) ainda relata que o acesso à leitura e ao conhecimento da literatura é um direito desse cidadão em formação, porque a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo. Se a escrita não é a única expressão de linguagem, é a mais prestigiada, a

qual todos precisam ter o trânsito livre, desembaraçado de preconceitos e dificuldade. Privar o indivíduo dessa relação com o universo da escrita e da leitura é formar um cidadão pela metade ou nem formá-lo.

Valorizando a leitura, ao acolher diversas modalidades de expressão que se estendem para além do livro, ou alargando o conceito de literatura, ao deixar de limitá-lo à noção do conjunto de obras clássicas consagradas pela tradição e matéria de exame de concursos, o ensino médio pode abrir perspectiva renovadas, acolhendo e valorizando o cabedal cultural importado pelos alunos para além do ambiente estudantil.

De fato, tanto a teoria da literatura, como a prática de ensino de literatura em sala de aula, a primeira esforçando-se (quando o faz) em refletir sobre os novos fenômenos de leituras consumidos dentro e fora da escola, a segunda alterando o (s) tipos de obras literárias com que opera, reagem a transformação ocorridas na sociedade brasileira. A principal delas decorreu da necessidade de escolarizar com rapidez, não obrigatoriamente com eficiência, a população, como maneira de acompanhar e acelerar a modernização da sociedade.

Por essa razão, o curso de letras encampou cada vez mais a tarefa de introduzir o estudante ao conhecimento da literatura vernáculas; enquanto o ensino básico foi, paulatinamente, abdicando dela. A sala de aula tornou-se o ponto de encontro de dois leitores em formação precária, o professor e o aluno, virtualmente não leitores. “Começar de novo” talvez tenha se tornado palavra de ordem, uma maneira de mútua convocação à reconstrução.

Todorov (2009), relata que a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características. Ele ainda acrescenta que a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a partir de dentro.

A partir desses conceitos, Todorov questiona o fato de os alunos estudarem obras literárias fragmentadas, recortes de texto, o que faz com que os estudantes olhem para a literatura como uma disciplina e não uma arte.

A Literatura tem um papel particular a cumprir nesse caso: diferentemente dos discursos religiosos, morais ou políticos, ela não formula um sistema de preceitos; por essa razão ela

escapa às censuras que se exercem sobre as teses formuladas de forma literais. As verdades desagradáveis – tanto para o gênero humano ao qual pertencemos, quanto para nós mesmos – têm mais chances de ganhar voz e serem ouvidas numa obra literária do que numa obra filosófica ou científica.

## **O que dizem os documentos oficiais sobre o acesso ao ensino da literatura no percurso escolar (LDB, PCNs, BNCC.)**

### **Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim do nono ano. Por outro lado, a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar ideias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório.

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exige-se níveis de leitura e de escrita diferentes aos que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás — e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta,

em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma sequencialização de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos.

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

## **LEI DE DIRETRIZES E BASES**

A **LDB** vem amparando o acesso dos alunos do campo a um ensino voltado as especificidades de cada região, e reforçando a obrigatoriedade do município em ofertar escola em locais de difícil acesso

**LDB, Lei no 9.394/1996 TÍTULO V – Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino.**

**CAPÍTULO II – Da Educação Básica**

**SEÇÃO I – Das Disposições Gerais**

**Art. 22.** A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o

exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores;(LDB, 2017, p.17)

**Art. 28.** Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

**I** – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

**II** – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

**III** – adequação à natureza do trabalho na zona rural;(LDB, 2017, p.21)

**Parágrafo único.** O fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar;(LDB, 2017, p.22)

### **SEÇÃO III – Do Ensino Fundamental**

**Art. 32.** O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

**I** – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; (LDB, 2017, p.23)

## **A BNCC no Ensino Fundamental**

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social.

A leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escritos, mas também a imagens estéticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráficos, diagramas) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e auxilia na significação em muitos gêneros digitais.

No eixo da oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais; no eixo Análise Linguísticas/Semiótica, sistematiza-se a alfabetização, particularmente nos dois

primeiros anos, e desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos no discurso; no eixo da Leitura/Escuta, amplia-se, o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em texto de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Texto, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de texto de diferentes gêneros textuais.

### **Língua Portuguesa (1º ao 5º ano)**

\*Leitura de imagens em narrativas visuais: (EF15LP15) construir o sentido de história em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).

\*Formação do leitor literário: (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

\*Leitura colaborativa e autônoma: (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

\*Apreciação estética/Estilo: (EF15LP17) Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.

\*Formação do leitor literário/Leitura multissemiótica: (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

### **Língua portuguesa 6º ao 9º ano**

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita.

Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente.

Reconstrução das condições de produção e circulação e adequação do texto à construção composicional e ao estilo de gênero (Lei, código, estatuto, código, regimento etc.): (EF69LP20) Identificar, tendo em vista o contexto de produção, a forma de organização dos textos normativos e legais, a lógica de hierarquização de seus itens e subitens e suas partes: parte inicial (título – nome e data – e ementa), blocos de artigos (parte, livro, capítulo, seção, subseção), artigos (caput e parágrafos e incisos) e parte final (disposições pertinentes à sua implementação) e analisar efeitos de sentido causados pelo uso de vocabulário técnico, pelo uso do imperativo, de palavras e expressões que indicam circunstâncias, como advérbios e locuções adverbiais, de palavras que indicam generalidade, como alguns pronomes indefinidos, de forma a poder compreender o caráter imperativo, coercitivo e generalista das leis e de outras formas de regulamentação.

Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos: (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por

exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

### **Língua Portuguesa Ensino Médio**

Ao chegar ao Ensino Médio, os estudantes já têm condições de participar de forma significativa de diversas práticas sociais que envolvem a linguagem, pois, além de dominarem certos gêneros textuais/discursivos que circulam nos diferentes campos de atuação social considerados no Ensino Fundamental, eles desenvolveram várias habilidades relativas aos usos das linguagens. Cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos.

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs<sup>62</sup>, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re) colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes.

No campo artístico-literário, buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs e podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas.

Como consequência houve um grande aumento na procura por livros principalmente pelos mais jovens, com tudo a implantação dessa política cultural que foi colocado para incentivar a leitura passou a sofrer problemas, já que não se tinha um gosto variados para diferentes obras, e o lançamento de novos textos locais principalmente para o público infantil fez com que os mesmos tivessem um acervo variado de livros.

### **Problemática:**

A Zilberman (2012) mostra que nem sempre a leitura foi vista com bons olhos, Platão fala que a leitura seria uma praga, pois muitas pessoas iriam se apoiar e deixariam de usar a memória e isso seria uma catástrofe, Arthur Schopenhauer não foge muito do pensamento de Platão quando diz “quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos o processo mental”, porém esses pensamentos eram quando a escrita e a leitura começavam a se difundir e os estudos se destinavam exclusivamente aos homens.

Contudo, no século XIX a escolarização passou a ser obrigatória e não mais algo destinados exclusivamente às pessoas com uma condição financeira privilegiada, isso não quis dizer que os dois (ricos e pobres) teriam o mesmo padrão de ensino. Com isso o que se viu era uma grande taxa de analfabetismo no Brasil até o final do século XIX devido ao atual planejamento dos governos e da escravização que fez com que os negros fossem os mais atingidos.

A questão da educação no Brasil era muito complicada devido o a falta de interesse dos governantes da época em criar um Ministério que atendesse exclusivamente a área da Educação. A mesma era bastante elitista buscando priorizar o ensino apenas aos filhos dos mais ricos. Com o avanço da modernização do comércio e das indústrias houve a necessidade da contratação de mão de obra barata, que deveria se ter um nível maior de escolaridade, assim foi atribuído o direito de pessoas de baixa renda frequentarem o nível médio profissionalizante para poder suprir a carência do mercado.

Foi dado à escola a um importante papel a de fornecer livros e promover leitura entre os alunos, porém esse papel teve seus altos e baixos, a partir de 1930 a rede pública de ensino expandiu de forma mais organizada e possuindo diferentes graus de ensino, mas, não foi só ela que cresceu a rede particular também avançou e se concretizava como uma escola de excelência.

A grande desvantagem das escolas públicas era que as mesmas não possuíam um grande acervo em suas bibliotecas e os livros eram muito caros para serem comprados. A escola privada não possuía essa dificuldade e por tanto tinha um ensino de melhor qualidade.

Com isso o consumo de livros era muito baixo entre os alunos da escola pública e a taxa de analfabetismo era bastante elevado. O analfabetismo ainda não foi erradicado apesar dos esforços. No ano de 1970, com a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), a dificuldade se deu pelo fato das pessoas não terem aumentado seu poder aquisitivo e de que os livros não terem baixado seus preços. O aumento dos alunos nas escolas e os possíveis leitores não aumentou o consumo dos livros. João Ceccantini (2012, p.88) mostra;

que as maiores procuras pelos livros hoje dos jovens são àqueles que contam uma história referente a uma peça teatral e adaptações

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é baseado nos períodos em que eu realizei minhas pesquisas de campo nos tempos comunidades (TCs) onde pode perceber a falta de convívio com os livros.

Nos estágios iniciais percebi que os pais dos alunos apesar de não possuírem um nível de escolaridade muito alto, em sua maioria, eles tinham um contato direto com a leitura, que se dava através da Bíblia, mas alguns dos filhos dos entrevistados não possuíam esse mesmo gosto pelo ato de ler. Apesar dos pais incentivarem seus filhos a lerem algum tipo de livro.

Um fato que chamou minha atenção nas entrevistas de campo com diferentes tipos de pais na comunidade onde moro, foi que os pais que possuem um nível de escolaridade maior, que estão mais presente na vida escolar de seus filhos, e também aqueles que estão ligados a algum movimento religioso que fazem parte de algum grupo como o de mulheres ou movimentos sociais como STTR (Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) os mesmo tem um interesse maior pela leitura já que seus pais estão constantemente ligados a ações que buscam um ensino melhor para seus filhos.

Quando comecei a observar os alunos no âmbito escolar eles não tinham esse mesmo interesse pela leitura, principalmente aqueles que estão na faixa etária de 10 a 12 anos, e geralmente aqueles que tem um apreço pela leitura trouxeram isso de seus pais, mas nem sempre é isso que ocorre. Há alunos em que os pais não se interessam na vida escolar de seus filhos e nem tem o hábito da leitura, mas seus filhos gostam de ler. No meu caso os meus pais gostam

de ler, entretanto eu não possuo o mesmo gosto pela leitura, já meu irmão mais novo e minha irmã mais velha têm um maior interesse pelo ato de ler.

Quando fui passar a ministrar as aulas percebi que muitas vezes é o título do livro ou o estilo que ele possui que faz com que os alunos se interessem por ele. O critério principal dos jovens ao escolherem um livro é através da capa ou se é uma história em quadrinhos, conto de fadas e poemas. Esse foi o fato que me levou a querer fazer esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual seria trabalhado através de pesquisas com professores, alunos e pais, porém diante da pandemia que se alastrou em todo mundo e as restrições de distanciamento social não foi possível a realização das entrevistas.

Sendo assim, houve o redirecionamento do tema que teria como foco os alunos e seus pais, e foi sugerido pela minha orientadora a relatar como foi a minha experiência e o contato com a leitura e com os livros literários durante meu percurso escolar.

Comecei a ter um contato com os livros e a leitura antes do início de minha vida escolar, através contato com a bíblia e os livros de contos que minha mãe possuía, porém não sabia ler, mas tinha curiosidade de saber como era para aqueles montes de letras formar palavras. Sobre isso, Zilberman afirma (2012, p. 116):

A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos- verbais, visuais, gráficos- se antecipam a ela, que os encontra como se estivessem prontos, à espera de que os assimile paulatinamente ao longo do tempo.

### **Ensino fundamental:**

O primeiro contato com a escola se deu através da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marcílio Dias, a mesma ficava próximo de onde eu morava, e o meio de transporte se dava através de canoas, e quando chegava o período de verão onde a terra ficava mais seca íamos por um caminho que eu e meus primos tínhamos feito, era algo novo e divertido, pois na escola os alunos eram quase todos meus primos e fazíamos muita bagunça, já que a turma era multisseriada e tinha alunos com faixa etária deferente. Quando comecei a ler foi algo diferente, porque saber que a união de letras poderia formar diversos sons diferente deixou-me fascinado, como era para aquelas letras unidas conseguir formar palavras. O meio de alfabetização que se

usava na escola se dava através da cartilha do ABC, e foi assim que eu comecei a dá os primeiros passos no mundo da leitura.

A professora passava no quadro negro figuras de animais e de frutas, os quais nós alunos teríamos que ligar qual palavra correspondia a determinada figura, assim a professora chamava de um a um para responder na lousa. Os livros que a escola possuía eram mandados pela secretaria de educação, neles vinham atividades para ser resolvidas, mas, nem sempre nós, alunos, possuímos livros didáticos, muitas vezes o único livro que vinha para escola era para o professor é quando vinha para ser dividido com os alunos os livros eram distribuídos em duplas ou trios de alunos, pois a quantidade nunca era suficiente. Através desses livros que passei a ter um contato com texto literários, nos quais havia pequenas histórias e poemas que vinham de forma fragmentadas.

Ao chegar na 3º série do ensino fundamental (4º ano), já não estudava na escola Marcelo Dias, que foi anexada à escola Gomes Netto devido grande aumento de alunos e a falta de estrutura da antiga escola, a mesma que antes atendia somente o ensino fundamental maior 5º a 8º série (6º ao 9º ano) e funcionava no barracão comunitário da comunidade Santa Luzia. Foi algo diferente já que passei a ter contato com alunos de outros rios da mesma comunidade e outras comunidades vizinhas, um fato novo que se sucedeu é que passei a estudar em uma turma única e com alunos ~~em uma~~ da mesma faixa etária e não mais multisseriada.

Agora nesse novo “ensino” sem ter que dividir a sala com outra turma ficava mais fácil para a compreensão das leituras e como já tinha saído das séries iniciais (1º e 2º série) o nível de cobrança nas leituras foi aumentando, os trabalhos referentes a área da língua portuguesa foram exigindo uma interpretação um pouco mais apurada e a cobrança com a leitura ficou ainda maior. Na área de literatura o professor passava para nós, alunos, trabalhos, nos quais teríamos que escolher contos, poemas, histórias para apresentar em exposições que ocorriam em eventos internos da escola. Quando eram propostas essas atividades eu ficava muito alegre porque achava muito fácil, já que na maioria das vezes não tinha que entender de fato o que aquela história ou poema queria repassar para quem assistia à apresentação, mas apenas falar o que já estava escrito no papel, nas apresentações nós sempre tínhamos em mãos “uma cola”, a qual nos ajudava a lembrar ou simplesmente ler o que nos iríamos falar.

Na 4º série (5ºano) a exigência por uma boa leitura aumentou mais, pois ao término do ano iria acabar um ciclo dentro do ensino fundamental, já que sairíamos do ensino fundamental menor (1º a 4º série) e iríamos passar para o fundamental maior (5º a 8º série). Foi um ano

muito desafiador para mim já que não tinha o hábito da leitura e tinha perdido um pouco aquele fascínio por ela. Esse desinteresse se deu por estar chegando em uma faixa etária na qual o que me fascinava era o esporte, principalmente, o futebol e dentro de sala as conversas paralelas que tiravam toda a minha concentração nas aulas. Outro fator que pode ter facilitado o meu desânimo pela disciplina de Língua Portuguesa foi o fato de os professores se fixarem muito sobre as regras gramaticais e queriam que nos alunos conseguíssemos decorar todas elas, isso fazia com que as aulas se tornassem muito chatas e estressantes. Todorov (2009) trata sobre isso no seguinte um trecho:

O perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos Literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma "disciplinar" e institucional. Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, a paixão, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (TODOROV, 2009, p.10)

Porém quando o professor começa a trabalhar com leitura a turma ficava um pouco mais ligada na aula, mas, a escola não possuía um acervo de livros que pudesse fazer com que o aluno se interessasse pela leitura, já eram apenas os mesmo livros didáticos de sempre e que vinham com alguns recorte de textos de livros que nós não tínhamos acesso, já que mesmo na sede do município era difícil encontrar os livros e se tratando de uma escola da zona rural que não possuía internet para comprar ou baixar livros o acesso era mais difícil.

No período em que ingressei no fundamental maior (5<sup>o</sup>a 8<sup>o</sup> série) com o avanço da educação no município a escola começava a ter acesso a mais livros que vinham através da SEDUC, não só aqueles livros didáticos, mas alguns livros literários como romance, livros de poemas, fábulas e livros de filmes, no entanto, era em pequenas quantidades e não havia muitas opções de títulos já que o número de livro era limitado.

Porém, o ensino continuava o mesmo, os professores focavam mais na gramática do que na literatura. As vezes que os professores pediam exercício sobre texto literário, os principais que nós procurávamos eram sobre poemas, HQ etc. Na hora dos trabalhos sempre ocorria uma confusão, porque os livros eram limitados e não tínhamos internet para pesquisar. A solução que o professor tinha para o problema era formar grupos com grandes números de alunos e dividir os temas, mas, por vezes, não conseguíamos achar informações sobre o tema e tínhamos

que recorrer aos trechos que se encontravam nos livros de língua portuguesa, que, quase sempre, era sobre poema e histórias em quadrinho. A escolha por esses gêneros é bem visível no trecho:

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolve adaptações e recreações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peça teatrais, música, videogame, moda, HQ, TV, site, espetáculos multimídias, aplicativo, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagem e suportes, fundindo-se variadas modalidades. (Ceccantine, 2016, p.89).

A educação na zona rural é bem mais carente do que na cidade, pela falta de livros, locais de leituras, estrutura da escola e meio de transporte. Uma das principais dificuldades de quem estuda no meio rural é a locomoção até a escola, pois as crianças levam, em média, de 1 a 2 horas para poder chegar até lá, muitas vezes sem ter tomado café e isso acaba afetando no desenvolvimento do aluno principalmente nos anos iniciais.

### **Ensino Médio**

Isso ficou bem visível quando comecei a estudar no ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Marcílio Dias (EEM Marcílio Dias), na sede do município, o percurso que eu levava para chegar até a escola era aproximadamente de 15 a 20 minutos a pé já que a escola não possui transporte para levar os alunos, a não ser os que vêm dos interiores próximos que vinham por meio de ônibus e lanchas.

Um fato a ser destacados sobre esses alunos que vem de transporte para à escola, é que alguns alunos precisam percorrer um grande trajeto, alguns alunos precisavam sair de suas casas 2 horas da madrugada e pegar o ônibus 3 horas da madrugada para estar na escola antes das 7 horas da manhã para estudar. Diante desse longo e demorado período para chegar à escola o desempenho desses alunos em qualquer matéria era muito mais baixo do que os demais, pois já estavam muito cansados quando chegavam a escola a mente do aluno já estava exausta, nesse sentido Arroyo afirma:

Quando situamos a escola no horizonte dos direitos temos que lembrar que os direitos representam sujeitos. Sujeitos de direitos, não direitos abstratos. Que a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeito de história, de lutas, como sujeitos de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social,

por isso que a escola tem que levar em conta a história de cada educando e das lutas do campo. (ARROYO, 1999, p. 19).

Na questão do ensino na zona urbana foi um pouco mais complicado a minha adaptação devido ter me deslocado do local onde morava para algo muito diferente do que estava acostumado e estar morando sozinho.

O ensino de língua portuguesa foi um pouco diferente já que o professor exigia mais de nós alunos, e que o ensino por si só já era mais intenso e tinha muitos assuntos que eu pouco tinha visto no nível fundamental. Porém, a leitura era quase a mesma e as situações que trabalhávamos sobre a literatura era sobre os períodos históricos que surgiram e como isso afetou seus respectivos períodos e quais eram seus principais autores.

Isso foi fazendo eu ficar um pouco confuso já que tinha que “aprender” tudo sobre determinado período da literatura em algumas aulas a saber seus principais traços daquele período. O contato com as obras se dava de modo fragmentado já que não tínhamos acesso às obras completas e o acesso a elas era por meio do livro de língua portuguesa.

Nos dois anos seguintes do nível médio aconteceu outra mudança, pois o professor era outro com outra metodologia de se trabalhar a disciplina de português. Ele era muito mais exigente e cobrava de nós alunos a leitura principalmente em sala de aula, caso a leitura não fosse bem nítida para a turma inteira escutar deveríamos repetir tudo de novo. Porém, o mesmo questionava o modo que se trabalhava a literatura em sala de aula, tendo em vista que a parte gramatical da matéria de língua portuguesa era trabalhado junto com a literatura e isso dificultava, mas deveria ser trabalhada de forma separadas como e o caso da matéria de matemática que são duas disciplinas (matemática 1 e matemática 2) onde uma complementa a outra.

Por isso, o professor confessava que as aulas seriam muito mais difíceis tendo em vista que o tempo era curto para se aprofundar nos assuntos de literatura. Apesar de ser um professor bem rígido, foi a partir do período em que ele estava em sala de aula que comecei a olhar com outros olhos para a matéria de língua portuguesa. No entanto, nunca fui um aluno exemplar, sempre gostei de estar no meio da bagunça e isso dificultava um pouco o meu aprendizado, mas nunca fez com que eu ficasse em recuperação em alguma matéria.

## Considerações Finais

No momento em que comecei a estudar no curso de licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens e Códigos, foram aparecendo as dificuldades devido a esse meu comportamento em sala e que tinha que ler muitos materiais em um pequeno espaço de tempo. As apresentações eram algo desafiador, devido ao fato de ter que ler um assunto e conseguir explicá-lo para turma de maneira clara e coerente, até aquele momento não tinha uma intimidade e por ter pessoas de outras localidades, que já estavam trabalhando em sala de aula ou atuavam de forma efetiva nas comunidades ribeirinhas, e professores com nível de doutorado isso me deixa bastante intimidado.

No decorrer dos módulos fui me acostumando com esse tipo de situações de exposições tanto na sala de aula quanto em exposições pelas ruas da cidade. Esse período de 4 anos de estudo foi o momento em que tive mais contatos com diferentes estilos de obras e autores de diversas localidades tanto do município quanto do Brasil e de outros países. E foi o período em que eu mais li livros em toda minha vida escolar.

Li o livro de José Luandino Vieira, *Luuanda*, nele havia três histórias na qual possuía um dialeto diferente do que estávamos acostumados por ser um livro da literatura angolana, e *A Rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa.

Algo fundamental na minha aprendizagem principalmente se tratando de leitura foi a obrigatoriedade de se ler nas disciplinas em que estava estudando, já que não possuía hábito de leitura e, foi no curso que pude perder essa preguiça de ler, mas não significa que hoje sou um leitor ativo, só não tenho mais aquela indisposição e nem sono na hora da leitura.

Como foi visto antes no texto, a leitura no Brasil era algo que assombrava devido o grande número de analfabetos, só a partir da década de 70, que o Brasil começou de maneira mais incisiva a trabalhar esse assunto, sabendo que a grande parte dos analfabetos eram adultos, os governantes começaram a incentivar as escolas, e de maneira obrigatória fazer com que os pais matriculem seus filhos, para tentar conter esse grande aumento.

Contudo, Apesar, da criação alguns projetos que incentivavam às escolas a estimularem os alunos a lerem, não foi pensado de maneira mais ampla a maneira que seria trabalhado esse assunto nas escolas. Nos dias de hoje as escolas principalmente da zona rural, enfrenta uma grande dificuldade, que são a falta de materiais para trabalhar a partir da leitura. A disciplina de língua portuguesa em si é sobrecarregada, devido a mesma, possuir uma grande

área de abrangência. A mesma deveria se dividido em duas áreas, no qual uma trabalharia a ortografia e as funções das palavras e a outra trabalharia a parte literária, que não é o caso que ocorre nos dias de hoje.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARROYO, Miguel Gonzales. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

CECCANTINI, João Luiz. **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

LDB. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo!** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura e o Ensino da Literatura**. Curitiba: Ibex, 2012. – (Série Literatura em Foco)